

A CONDIÇÃO INICIÁTICA NA POÉTICA DE MANUEL DE CASTRO

THE INITIATIC CONDITION IN THE POETICS OF MANUEL DE CASTRO

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v16i32p110-125>

António Cândido Franco ¹

RESUMO

Tradições espirituais ocidentais e orientais. Gnosticismo e dualismo indo-iraniano. A via de Gurjieff: sufismo, embriaguez e viagem na procura espiritual de M. de Castro.

PALAVRAS-CHAVE

Manuel de Castro; Condição Iniciática; Gnosticismo; Gurjieff; Surrealismo.

ABSTRACT

Western and Eastern spiritual traditions. Gnosticism and Indo-Iranian dualism. The Gurjieff Way: Sufism, Drunkenness, and Travel in M. de Castro's Spiritual Quest.

KEYWORDS

Manuel de Castro; Initiatic Condition; Gnosticism; Gurjieff; Surrealism.

¹ Universidade de Évora, Évora, Portugal.

Manuel de Castro publicou apenas dois livros em vida – um em 1958 e outro em 1960. Antes disso, conhece-se um caderno, *Zona*, de 1957, que não chegou a ser encapado. O primeiro finalizado, *Paralelo W*, é um livro pequeno, sem lombada, insignificante em termos de volume. Para bem dizer, trata-se de um caderno. Ao que se sabe, apenas em 1967 a edição foi resgatada da tipografia onde jazia, em Sintra, por falta de pagamento, o que significa que em 1958 terão circulado apenas alguns exemplares. Dois anos depois, em 1960, saiu *A Estrela rutilante*, um livro mais composto do ponto de vista do número de páginas. Essas duas obras são os pontos marcantes de uma vida breve, vivida entre 1934 e 1971, e de uma obra também breve, constituída por esses dois títulos e por uma série de dispersos publicados em jornais e em revistas, com destaque para os textos do suplemento literário do *Diário de Lisboa*.

A GERAÇÃO DE MANUEL DE CASTRO

A geração de Manuel de Castro, ou aquilo que podemos considerar ser a sua geração, não aqueles que nasceram nos anos de 1930 em Portugal, mas um nicho especial desse conjunto, tem um perfil muito próximo daquele que nele encontramos.

Penso em António José Forte (1931-1988), que viveu um pouco mais do que ele, Castro, mas publicou também muito pouco, estreando-se em 1960, quase aos 30 anos, com um livro que é um folheto publicado por Mário Cesariny na colecção “A antologia em 1958” – *40 noites de insónia de fogo de dentes numa girândola implacável e outros poemas*. Foi preciso esperar mais de 20 anos para ele publicar depois outro livro, *Uma faca nos dentes* (1983).

É ainda o caso de Henrique Tavares, um dos grandes diálogos directos de Manuel de Castro. Nasceu em 1925, ano de nascimento de Luiz Pacheco, e teve uma vida longa, que se prolongou até 2003, mas publicou apenas três livros: *O missal do aprendiz de feiticeiro* (1959), *Os livros sibilinos da lusitânia* (1960) e *Ódio de bacante (Uma gesta orgânica)* (1962). Esse poeta, também conhecido por Varik ou por Henrique Varik Tavares, editou os seus livros no momento em que Manuel de Castro publicou os seus. São dois poetas próximos, em diálogo um com o outro, que se conheceram muito bem em vida.

Lembro ainda José Manuel Pressler (1938-1965), que se suicidou ainda antes dos 30 anos e não publicou nenhum livro. Foi preciso esperar pela sua

começa por ser uma realidade literal, um ponto cardeal e fixo no espaço e na geografia, mas que a partir de um determinado momento se torna um símbolo, o emblema de algo que está para lá da dimensão literária. Já em Gomes Leal ou mesmo em Eugénio de Castro, essa dimensão orientalizante se leria em termos de alguns referentes maçónicos, mais que não fosse, no caso do segundo, por via duma tradição literária.

Para um autor como Manuel de Castro, o Oriente é um símbolo da luz, da realidade suprassensível, com ligações ao mundo imaginal, de acordo com a expressão que Henry Corbin vulgarizou em muitos dos seus estudos sobre o Islão esotérico. Para Manuel de Castro as duas realidades, matéria e espírito, são reais. Existe a possibilidade de se viver em termos espirituais como se vive no mundo material. O mundo imaginal é a possibilidade de se conceber um outro mundo, duplicado deste primeiro em que vivemos.

É isso que se passa com Manuel de Castro. Nele o Oriente pode ser simultaneamente concebido como um ponto geográfico e como um outro plano, em que todos vivemos sem termos consciência disso. Nesse outro plano também sentimos, gritamos, amamos e vivemos. Trata-se daquilo que no Ocidente se chama alma, ou psique, onde têm lugar os sonhos, actividade central no contexto do Surrealismo e da sua exigência de uma ponte entre os dois domínios. No sonho temos ocasião de perceber a realidade e a potência que o suprassensível tem. Quando se fala de Surrealismo em termos de aventura pensa-se antes de mais na descoberta desse outro mundo.

A viagem é outro tópico fundamental na experiência de Manuel de Castro, já que o Oriente é o horizonte profundo e inequívoco, o lugar da luz, para o qual todos se dirigem. Esse impulso parece já estar presente em autores anteriores como Gomes Leal, Eugénio de Castro, Camilo Pessanha, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro. Essa viagem para o Oriente representa uma totalidade, uma experiência do interminável, que pressupõe a dimensão física, através do transporte marítimo e terrestre, mas também implica a dimensão espiritual, a viagem psíquica interior, de olhos fechados, como autodescoberta.

Esse segundo nível da viagem pode ser associado ao conhecimento da morte e do renascimento. Significativa a este propósito a nota que Manuel de Castro escreveu sobre o seu amigo José Manuel Pressler depois da sua partida e que serve de apresentação à edição póstuma em livro dos

recuperou, e onde nasceu o mazdeísmo e o maniqueísmo, quer dizer, a tradição gnóstica, que tanta importância tem para Manuel de Castro e para a sua geração. É na ideia de dois planos distintos e até antagônicos, matéria e espírito, que radica a ânsia pela viagem que encontramos disseminada em quase todos estes poetas. Em Manuel de Castro é sempre itinerário para as fontes ocultas do espírito. Está aqui a superação da tradição cultural do Ocidente que vem pelo menos desde o Renascimento – mas também a superação da religião enquanto resíduo ou mesmo escória de um conhecimento anterior.

Num poema de 1962, a que dou muita importância, “A serpente hibernal” (Março, 1962), recuperado em *Bonsoir, Madame* (Castro, 2013, p. 228), surge a ligação à tradição bíblica, evidenciando uma afinidade forte à Ofiúsa, à tradição serpentina e até ao satanismo, que tanta voga literária teve desde o meado do século XIX.

Mas reduzir o quadro desse poema a uma moda estético-literária, que parece ter o seu ponto de partida em Goethe e Baudelaire, ou até na célebre narrativa de Jacques Cazotte, *Le diable amoureux* (1772), não permite compreender o sentido profundo e o vigor dos seus referentes. O satanismo de Manuel de Castro passa pela tradição da serpente, presente num texto de Fernando Pessoa, *O caminho da serpente*. Mesmo desconhecendo esse texto, o que por ora não sabemos com toda a certeza, Manuel de Castro estabelece com ele uma intertextualidade evidente, partindo de fontes comuns.

A espiritualidade em Manuel de Castro parece ser o melhor caminho para conhecer e compreender a sua experiência poética. Essa espiritualidade sai dos trilhos hoje mais conhecidos, os da religião, e privilegia uma outra lógica, a que podemos chamar uma via oculta, iniciática, selvagem, desligada de qualquer liturgia ou culto, e que se assume como um caminho perigoso, desde logo pela solidão que implica e até em certos casos e momentos pela autodestruição a que se entrega.

A poética desse autor só com este enquadramento se compreende. Reconduzi-la aos esquemas com que a literatura costuma abordar as obras estéticas, procurando estabelecer o seu lugar numa história literária, de pouco serve. Isso pode ser feito, mas é sempre secundário em relação à sua abordagem como experiência de viagem interior.

Importa, finalmente, explicar a relação entre o caso de Manuel de Castro e o do filósofo russo George Gurdjieff. Não parece existir qualquer

referência de Manuel de Castro a Gurdjieff, apesar de este ter sido um seu quase contemporâneo e a sua obra ter tido alguma recepção na Europa na época em Castro fez a sua formação humana.

Gurdjieff veio para o Ocidente nos anos 20 do século XX e fez depois disso em Paris, em Nova Iorque e em Londres ensinamentos até a sua morte, que ocorreu já na década de 40. Nesse período, publicou dois livros, traduzidos para francês em 1950 e 1960 (*Récits de Belzébuth à son petit-fils* e *Rencontres avec des hommes remarquables*) e que eram lidos e discutidos na altura em que Manuel de Castro estava na Alemanha.

Penso que o melhor termo de comparação para a dimensão espiritual de Manuel de Castro e o modo como depois esta aparece traduzida na sua poesia, é com o caso de Gurdjieff. Trata-se de um caucasiano que foi ao Egipto, esteve na Palestina, percorreu durante anos a demorada via indo-iraniana e só depois veio para o Ocidente, trazendo consigo a perspectiva de um mundo profundamente maniqueísta, com a particularidade de, no seu pensamento, se projectar a possibilidade de se alcançar o mundo espírito e se perceber uma história muito curiosa do percurso humano, com origens bíblicas.

Segundo Gurdjieff, teriam decorrido sucessivos dilúvios na Terra, sendo o último e o único hoje lembrado o de Noé, e que em cada um desses dilúvios teriam desaparecido sucessivos extractos de Humanidade, cujas civilizações teriam tido conhecimentos que se foram perdendo nesse percurso de destruições. Para Gurdjieff, estava em jogo a necessidade de pesquisar continuamente os vestígios dessas civilizações humanas anteriores. Daí as viagens que fez ao Egipto e às Pirâmides ou o interesse pelo Irão, sobretudo numa zona indo-iraniana chamada Hindu Kush, que corresponde hoje à parte leste do Afeganistão, a vertente norte dos Himalaias. Uma figura como Milarepa, citada aliás por Manuel de Castro em boa evidência (Castro, 2013, p. 173-174), é no quadro das tradições espirituais dessas regiões que se entende.

O Hindu Kush corresponde ao ponto nevrálgico de todo o ensinamento de Gurdjieff. Nessa região teriam sobrevivido, segundo ele, círculos humanos anteriores aos dilúvios e por isso mesmo nesses pontos ainda se viveria de forma semelhante ao que se vivia antes dos grandes cataclismos anteriores e ainda se conheceria o que antes deles se sabia. Esses cataclismos deixaram alguns mitos à nossa cultura, como a Atlântida.

Manuel de Castro tem vantagem em ser lido a partir desses vectores. A sua viagem ao Oriente corresponde à busca de um ponto luminoso que existiu num passado longínquo. Tem localização geográfica, mas aponta para uma dimensão espiritual que se perdeu com a queda de civilizações humanas anteriores. Trata-se de conjugar uma tradição espiritual vasta mas afinal recente, que passa pelo Egipto, recupera a mitologia da Atlântida e não ignora a tradição grega, com uma deriva distinta, para camadas mais profundas e desconhecidas, em direcção a momentos pré-humanos que fomos perdendo e pré-históricos.

Neste sentido, a poesia de Manuel de Castro é uma poesia de resíduos paleontológicos, de hieróglifos por traduzir, de sinais essenciais.

TRÊS NOTAS FINAIS¹

1) Durante muito tempo só conhecemos da obra de Manuel de Castro os dois livros publicados em vida. Só com *Bonsoir, Madame* a obra de Manuel de Castro se alargou um tanto. Quero acreditar que os recentes esforços de recuperação dos dispersos permitirão, em breve, uma leitura mais sistemática dos textos dos quais só se conhecia um ou outro elemento. O enfoque radical desta minha intervenção aponta para um maniqueísmo muito evidente e forte na obra dele, o que não impede que possa existir em alguns momentos uma certa necessidade de se atenuar essa tradição gnóstica em que ele se inscreve e que tem variantes distintas. Estss podem ir de uma aversão à matéria tão radical que conduz à recusa de procriação e mesmo ao suicídio a repulsas menos extremistas, mais temperadas por tradições da região do Hindu Kush, como uma transmissão tibetana anterior ao Budismo que se encontra representada em Milarepa e no que este tem de compreensão mágica do suprassensível. O gnosticismo, em parte, é transcendido por essas outras linhagens, de modo a perder em Manuel de Castro algum radicalismo, apesar do carácter suicidário da sua experiência e da sua condenação da matéria. A dimensão social e política de Manuel de Castro tem que ver, obviamente, com a dimensão do fascismo que viveu em Portugal, com o quadro político mundial, a constituição dos dois grandes blocos mundiais, a Guerra Fria, com todos os aspectos que desta se conhecem, e o receio da ameaça atómica. Manuel

¹ Essas três notas resultaram de interpelação de Ricardo Ventura sobre a natureza política da obra de Manuel de Castro e de duas outras de João Oliveira Duarte sobre o platonismo e a tradição.

de Castro não podia, obviamente, alinhar em qualquer corrente política dominante na sua época, todas elas com uma grande base economicista, materialista, racionalista, que a sua tendência espiritual não poderia aceitar. É acima de tudo um contexto político marcado pelos autoritarismos. Ora, a experiência da liberdade é fundamental para se perceber a sua experiência e até a dos seus companheiros de geração. É a via da mão esquerda. A religião, que é uma das vias da mão direita, exige obediência, não liberdade. Ao invés na via da mão esquerda, a liberdade é essencial – e daí o perigo e a solidão dessa assunção. Qualquer regime que condicionasse a liberdade era imediatamente recusado em nome de uma ideia libertária que tem a liberdade por centro absoluto. Isso era válido para Castro como para todos os outros, chegando mesmo à exigência de uma liberdade que comportasse a autodestruição. É uma liberdade *anárquica* nesse sentido. Não me parece, porém, que seja evidente a dimensão social dessa pulsão anárquica. A tradição *serpentina* é em si mesma um reflexo dessa anarquia; convoca para uma ideia de continuidade profunda entre uma série de *origens* sem princípio nem fim. Não se trata da serpente bíblica que nos é dada como um princípio absoluto, situado na única origem admissível. A palavra “anarquia” remete precisamente para essa recusa de um princípio, que é também a recusa do encerramento. A vida é uma continuidade infinita e nessa medida a própria vida é anárquica. A tradição da serpente é essencialmente um encadeamento de uma série de elos que se perderam mas que existiram. A própria visão que Manuel de Castro tem da maldição, conforme pode ler-se num texto sobre Luiz Pacheco, convida à aceitação abjeccionista da maldição (essa recusa profunda da matéria) de uma sociedade que fundamenta todos os seus pressupostos numa sociedade material que perdeu o contacto com o espírito. Essa circunstância obriga a uma ruptura que vai da conquista da liberdade à experiência da magia. Esse texto reafirma o primado do gnosticismo em Manuel de Castro. O poeta está obrigado a ser maldito numa sociedade que continua a exigir dele apenas a entrega à matéria. Tal obrigação é concorde com uma linha que já vem de António Maria Lisboa, outro exemplo muito relevante de uma experiência gnóstica profunda. Foi ele, Lisboa, o primeiro a falar de abjecção e a relacionar esta com uma experiência interior, com a necessidade de o poeta para se exprimir em pleno necessitar de abandonar a vida social. Tem de dizer merda à Pátria, à Família e ao Estado,

